

Estudo do complexo “atividade, consciência e linguagem” no desenvolvimento do ser social do homem

Giandréa Reuss Strenzel¹

Resumo: No estudo ontológico do ser social, o trabalho é uma atividade humana que modifica a natureza do homem que a realiza. A consciência humana por sua vez, deixa de ser um epifenômeno biológico e torna-se um momento essencial ativo do ser social que está nascendo, ultrapassando assim, a simples adaptação ao ambiente. Com o recuo das barreiras naturais, a consciência humana adquire a função de portadora das posições teleológicas da práxis. Lukács vai demonstrar na sua *Ontologia* modos concretos de manifestações e expressões da consciência. De modo semelhante, o autor nos traz à reflexão sobre o surgimento da linguagem como um ato objetivo, base indispensável do ser social dos homens. Da mesma maneira que com o trabalho, com a linguagem se realizou o salto do ser natural para o ser social. Neste sentido, o trabalho ora proposto, tem como objetivo discutir as relações existentes entre as categorias consciência, linguagem e atividade, na tradição marxista, e suas relações na constituição do sujeito, com a intenção de conhecer as funções reais que exercem dentro do complexo. Todavia, sabe-se que a linguagem, a consciência e a atividade são elementos vinculados do complexo chamado ser social. Assim, considera-se que todo elemento é também um todo, um complexo com propriedades complexas e qualitativamente específicas. A complexidade da categoria por sua vez, não elimina seu caráter de elemento, ou seja, só podem ser compreendidos na sua essência se forem analisados na sua relação com a análise ontológica e reconhecendo as funções que exercem dentro desse complexo.

Palavras-chave: ontologia; atividade; linguagem; consciência; desenvolvimento humano.

Study of the complex “activity, consciousness, language” in the development of the social being of men

Abstract: In the ontological study of the social being, work is the human activity that modifies the nature of the man who performs it. Human consciousness, moreover, ceases to be a biological epiphenomenon and becomes an essential active moment of the social being that is being born, thus exceeding, simple adaptation to the environment. With the retreat of the natural barriers, human consciousness acquires the function of bearer of the teleological positions of the praxis. Lukács demonstrates in *Ontologia* concrete modes of manifestations and expressions of consciousness. Similarly, the author brings us to the reflection on the emergence of language as an objective act, the indispensable basis of the social being of men. Similarly as with work, with language, the leap from natural being to social being took place. Therefore, the proposed work aims at discussing existing relations between the categories of consciousness, language and activity in the Marxist tradition, and their relations in the constitution of the subject, with the intention of knowing the real functions that they exercise within the complex. However, it is known that language, consciousness and activity are linked elements of the complex so-called social being. Thus, it is considered that every element is also a whole, a complex of complex and qualitatively specific properties. The complexity of

¹ Doutora em Educação, Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, no Núcleo de Desenvolvimento Infantil. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica – GEPOC. Email: giandrea.reuss@ufsc.br

the category, then, does not eliminate its character of element that is, they can only be understood in their essence if analyzed in their relations with the ontological analysis and recognizing the functions they exert within that complex.

Keywords: ontology; activity; language; consciousness; human development.

Introdução

Meu interesse pelo estudo do pensamento lukácsiano da maturidade, especialmente a sua obra póstuma surge nesse momento da necessidade de aprofundamento das categorias atividade, linguagem e consciência. São inúmeras as passagens em que Lukács na sua *Ontologia*, se refere a essas atividades propriamente humanas e ao papel atribuído por ele a essas categorias no surgimento e na continuidade do ser social.

Nos dois volumes da sua *Ontologia*, Lukács tece uma série de conceitos fundamentais a serem entendidos e aprofundados que encontram relação direta com a teoria histórico cultural, mais especificamente com alguns autores da Escola de Vygotski, entre eles Vygotski e Leontiev.

No capítulo d'O *Trabalho*, o autor desenvolve algumas categorias centrais, entre elas, na primeira parte do capítulo, o trabalho como posição teleológica: teleologia, causalidade, casualidade, finalidade, prévia ideação, alternativa, necessidade, liberdade, reflexo. Na segunda parte do capítulo, o trabalho como modelo da práxis social: pôr teleológico secundário, linguagem e pensamento conceitual, nexos causais, relação teoria e práxis, *intentio recta*, dever-ser, valor, valor de uso, valor de troca. Na terceira parte, a relação sujeito e objeto no trabalho e suas consequências: linguagem, consciência, fenômeno e essência.

No capítulo d'A *reprodução*, o autor continua o desenvolvimento categorial. Nessa parte do livro, como nas demais, Lukács retoma conceitos já trabalhados na primeira parte da sua *Ontologia* e traz à análise outros fundamentais. Entre eles, os problemas gerais da reprodução, o complexo de complexos, problemas de prioridade ontológica, a reprodução do homem na sociedade, reprodução da sociedade enquanto totalidade, a linguagem e a continuidade do ser social; a consciência na continuidade do processo social.

São alguns desses conceitos tratados por Lukács de modo amplo nesses dois primeiros capítulos, no livro *I da Ontologia* e nos *Prolegômenos* que encontram

semelhança e necessidade de aprofundamento, pois considero que por meio do estudo ontológico do ser social do homem é possível demonstrar a historicidade do gênero humano. Essa defesa é proveniente da constatação de que na área da educação, ocorre a utilização de teorias que pressupõem uma biologização das formas sociais, quando se referem à concepção de homem (STRENZEL, 2009).

Para Lukács (2010; 2013), o desenvolvimento da individualidade humana é um resultado final e contraditório do processo sócio histórico e tem uma dupla base, isto é, biológica e social, em que a primeira é qualitativamente alterada, mas nunca excluída.

Na primeira parte do capítulo d'*A reprodução*, o autor tece sua argumentação em favor da historicidade dos processos sociais, da secundarização dos momentos biológicos, a determinação social do desenvolvimento do gênero. No mesmo capítulo, retoma do capítulo anterior o conceito de linguagem como um instrumento de contato entre os homens e o papel que esta desempenha, em conjunto com a consciência, na constituição do ser social do homem.

O estudo agora proposto tem como objetivo expor as relações existentes entre as categorias consciência, linguagem e atividade, e por sua vez, as suas relações na constituição do sujeito. Quais as funções de cada uma dessas categorias? O que exercem dentro desse complexo? São inúmeras as passagens em que Lukács na sua obra póstuma, se refere a essas atividades propriamente humanas e ao papel atribuído por ele a essas categorias no surgimento e na continuidade do ser social.

Como foi afirmado acima, sabe-se que na sua *Ontologia*, Lukács faz uma exposição detalhada dessas três categorias, estendendo suas colocações nos demais capítulos. Com o propósito de elucidar as questões colocadas acima, foi tomado para fins desse texto, somente o capítulo d'*O Trabalho*.

No entanto, é preciso esclarecer que a especificidade do ser social e suas categorias decisivas, que pressupõem existência social, como é o caso das citadas, só podem ser apreendidas na sua essência ontológica, em referência à totalidade que as constituem, por meio da análise das funções reais que exercem dentro do complexo. A complexidade da cada categoria por sua vez, não elimina seu caráter de elemento, ou seja, só pode ser compreendida na sua essência se for analisada na sua relação com a análise ontológica e reconhecendo a função que exerce dentro desse complexo. Significa ainda afirmar que as categorias não podem ser concebidas isoladamente, pois implicaria supor que o ser social emergiu por meio de uma incorporação sequencial de categorias singulares.

Por fim, é patente a afirmação de que trabalho, linguagem e consciência possuem inter-relação dentro de um complexo de ser, assim como, em cada interação há um momento predominante, independentes de hierarquia de valor. Dessa forma, considera-se que todo elemento é também um todo, um complexo com propriedades complexas e qualitativamente específicas.

Considerar o trabalho, a linguagem e a consciência de modo isolado é um exercício de abstração, pois são categorias que surgem simultaneamente no ser social. A apresentação que delas aqui se fará as considerará separadamente tendo em vista a apreensão de suas especificidades.

O trabalho como atividade humana

Historicamente, o processo de constituição do homem ocorreu no decurso dos milênios que nos separam da nossa primeira espécie. As modificações anatômicas e fisiológicas, a aparência física do homem, causaram uma transformação global no organismo humano. A mão humana sofreu modificações cada vez mais complexas decorrentes da adaptação a novas funções, pela transmissão hereditária e pelo aperfeiçoamento dos músculos, ligamentos e ossos. As mãos dos macacos constroem ninhos para abrigá-los da chuva, pegarem alimentos, e se assemelham às mãos do homem. No entanto, nenhuma mão de macaco produziu a mais rústica faca de pedra (ENGELS, 1978). O animal tem formas de comportamento inatas. As abelhas, por exemplo, não aprendem a construir suas colmeias. A aranha não aprende a tecer a sua teia. São aquisições de comportamento herdadas que constituem um tipo de comportamento animal que pode ser observado quanto mais baixo descermos na escala zoológica. No entanto, nenhum animal pode aprender como realizar ações com seus antepassados.

Os fenômenos descritos acima prepararam ao longo de milênios o salto ontológico ocorrido com o ser social, por meio do qual ocorreu a superação qualitativa da esfera da vida orgânica, a passagem de um nível de ser para outro qualitativamente diferente, explica Lukács (2013). Essa passagem modificou a natureza humana e marcou o início de um desenvolvimento submetido às leis sócio-históricas. A essência do salto ontológico é constituída por uma ruptura com a continuidade do desenvolvimento, implicando uma mudança qualitativa e estrutural do ser, em que a

fase inicial contém em si certas premissas e possibilidades das demais fases sucessivas. O salto do qual se fala é aqui entendido na sua essência pela “ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento, de forma súbita e gradativa, no tempo, da nova forma de ser” (LUKÁCS, 2013, p. 46).

Saliente-se que o estudo ontológico do ser social mostra que só de modo bastante gradual e passando por várias etapas suas categorias e relações adquiriram o caráter de sociabilidade predominante. O ser social jamais pode se separar de seus fundamentos naturais, do mesmo modo como a natureza orgânica tem de incorporar a natureza inorgânica. Assim como o trabalho nas suas realizações iniciais fez com que o animal se transformasse em homem, do mesmo modo seu desenvolvimento permanente faz nascer o gênero humano em seu verdadeiro sentido social. Segundo Lukács (1979, p. 145), se

[...] a consciência especificamente humana só pode nascer em ligação e como efeito da atividade social dos homens (trabalho e linguagem), também a consciência de pertencer ao gênero se desenvolve a partir da convivência e da cooperação concreta entre eles.

Devemos enfatizar, todavia, que o ser social não está subtraído ao campo da ação das leis biológicas. No entanto, as modificações biológicas hereditárias, por certo muito importantes, não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade. Este é movido por leis sócio-históricas apropriadas no decurso do desenvolvimento ontogenético, produto das gerações precedentes e não fixadas pela hereditariedade como ocorre nos animais.

Podemos afirmar que a acumulação e a transmissão da experiência sócio-histórica ocorrem de forma material exterior. Isto significa afirmar que a apropriação pelo sujeito da experiência sócio-histórica ocorre a partir do mundo exterior em que o sujeito está inserido e, a partir dessa apropriação, ocorre a reorganização da sua estrutura psíquica, que modifica seu modo de se relacionar com o mundo mediante mudanças no desenvolvimento das suas capacidades psíquicas. Ao extrapolar os limites da natureza biológica, o homem alcançou níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento, conduzindo à sua humanização. Tal transmissão deve o seu aparecimento ao trabalho, atividade especificamente humana, produtiva e criadora, contrariamente à atividade animal.

A atividade humana subordina-se a um fim e é compreendida como processo sustentado por uma variedade de ações e relações articuladas entre o homem e a

sociedade. Dada a sua natureza social, constituída nas relações sociais e nos processos de apropriação e objetivação, o homem ao mesmo tempo em que produz a sociedade é seu produto. É objeto e sujeito das relações sociais, produto e produtor da sociedade. Lukács assim se refere:

[...] o homem, na medida em que é homem, é um ente social; [...] em todo ato de sua vida, reflita-se esse ou não em sua consciência, o homem sempre e sem exceções realiza ao mesmo tempo, e de modo contraditório, a si mesmo e ao respectivo estágio de desenvolvimento do gênero humano (LUKÁCS, 1979, p. 42).

O trabalho é uma atividade humana e intencional, um pôr teleológico nas palavras de Lukács (2013). Para o autor a análise do trabalho tem de ser o ponto de partida da exposição, em termos ontológicos, das categorias específicas do ser social. A essência do trabalho incide sobre o fato de que “[...] em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produtos de sua autoatividade.” (LUKÁCS, 2013, p. 43). Logo, o trabalho é o ponto de partida da humanização e do refinamento das faculdades do homem. Seu aparecimento e desenvolvimento foi uma condição fundamental para a existência do homem. As modificações anatômicas e fisiológicas no homem acarretaram uma transformação global do organismo humano dada sua interdependência natural dos órgãos. Por meio desta atividade o homem transforma a realidade e é por ela transformado.

Lukács (2013) indica que o trabalho é o motor do processo histórico, característica fundamental do homem. O trabalho nasce com o ser social e permanece ativo somente enquanto esse existir. Na sua essência ontológica tem um caráter intermediário. É uma inter-relação entre o homem (sociedade) e a natureza, tanto inorgânica (utensílio, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, que evidencia a passagem do ser meramente biológico ao ser social. O trabalho produz em seu desenvolvimento ulterior séries inteiras de mediações entre o homem e o fim imediato que ele deseja conseguir.

A categoria central do trabalho é a teleologia, posto que é a única atividade humana onde se pode demonstrar ontologicamente a presença de um verdadeiro pôr teleológico como momento real da realidade material. Nesse sentido, o pôr ter um caráter decisivo ontológico. “A teleologia em sua essência é uma categoria posta: todo processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins” (LUKÁCS, 2013, p. 48). Fora do trabalho não há teleologia. Portanto, qualquer

tipo de atividade humana seria impossível se não fosse precedido do pôr. Por meio das posições teleológicas postas pelo homem o trabalho se torna o modelo de toda práxis social. A peculiaridade do pôr teleológico reside na sua natureza intencional, ausente nos outros animais.

Contudo, é preciso esclarecer que o único ponto onde se pode demonstrar ontologicamente um pôr teleológico como momento da realidade material é no trabalho. Isso não restringe o seu significado, só o aumenta,

(...) já que é preciso entender que o mais alto grau do ser que conhecemos, o social, se constitui como grau específico, se eleva a partir do grau em que está baseada sua existência, o da vida orgânica, e se torna um novo tipo autônomo de ser, somente porque há nele esse operar real do ato teleológico. Só podemos falar racionalmente do ser social quando concebemos que sua gênese, o seu distinguir-se da sua própria base, seu tornar-se autônomo baseiam-se no trabalho, isto é, na contínua realização de pores teleológicos (LUKÁCS, 2013, p. 52).

O homem é o único ser que põe intencionalidade nas suas ações e busca os meios para a sua realização, o que o distingue dos animais. Ao transformar a sociedade, transforma a si mesmo. Portanto, intencionalidade e prévia ideiação são características inerentes ao ser humano. No entanto, cabe salientar que por mais precisa que seja a descrição das diferenças entre o homem e o animal este não apanhará o fato ontológico do salto, do processo real no qual este se realiza, enquanto não puder explicar a gênese destas peculiaridades do homem a partir do seu ser social. (LUKÁCS, 2013).

A consciência

A consciência é portadora das posições teleológicas da práxis. Sua constituição especificamente humana surge no plano ontológico, tornando-se um momento essencial e ativo do ser social que nasce.

Com a realização do trabalho pelo homem, quando põe os fins e busca os meios para a sua realização, a consciência humana deixa de ser um epifenômeno da natureza. Sua ação integra o mundo da realidade “como formas novas de objetividade não derivadas da natureza, mas que são precisamente enquanto tais realidades do mesmo modo como o são os produtos da natureza” (LUKÁCS, 2013, p. 64). O homem ultrapassa então a simples adaptação ao ambiente e nele produz modificações. De acordo com Lukács (2013, p. 63),

[...] na medida em que a realização torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que

impulsionou e orientou um tal processo não pode ser mais, do ponto de vista ontológico, um epifenômeno.

O nascimento da consciência especificamente humana, aquela que se diferencia dos animais, como referido, se dá por uma constante cooperação entre o trabalho – em seu sentido ontológico considerado como atividade humana precedida de intenção e prévia ideação – e a linguagem – concebida como instrumento de contato entre os homens.

A superação da animalidade através do salto para a humanização no trabalho e a superação do caráter epifenômico da determinação meramente biológica da consciência alcançam assim, com o desenvolvimento do trabalho, intensificação inexorável, uma tendência à universalidade dominante (LUKÁCS, 2013, p. 73).

Mesmo com a superação da animalidade, a consciência continua ligada ao processo vital do corpo. O domínio da consciência sobre o próprio corpo, aos hábitos, aos instintos, aos afetos, é uma condição elementar do trabalho mais primitivo, e por isso não pode deixar de marcar profundamente as representações que o homem faz de si mesmo, uma vez que exige, para consigo mesmo, uma atitude qualitativamente diferente, inteiramente heterogênea em relação à condição animal, uma vez que tais exigências são postas por todo tipo de trabalho.

O homem, membro ativo da sociedade, motor de suas transformações e de seus movimentos progressivos, permanece, em sentido biológico, um ente ineliminavelmente natural: sua consciência, em sentido biológico, - apesar de todas as decisivas mudanças de função no plano ontológico – está indissociavelmente ligada ao processo de reprodução biológica do seu corpo; considerando o fato universal dessa ligação, a base biológica da vida permanece intacta também na sociedade. Todas as possibilidades de prolongar esse processo, por exemplo através da aplicação do conhecimento etc., não podem alterar em nada essa vinculação ontológica em última instância da consciência com o processo vital do corpo (LUKÁCS, 2013, p. 130).

Para Lukács o domínio da consciência sobre o corpo permanece um fato ontológico. A consciência está ligada de modo indissolúvel ao curso biológico do organismo vivo e sendo assim, cada consciência individual nasce e morre junto com seu corpo. Por outro lado, a consciência tem a função de guia, determinante, que decorre do trabalho, da consciência diante do corpo. O corpo por sua vez, é o órgão que executa os pores teleológicos, que só podem provir da e ser determinados pela consciência. Com suas palavras:

Ontologicamente se pode dizer que é possível a existência de um corpo sem consciência (...) ao passo que uma consciência sem base biológica não pode existir. Isso não contradiz o papel autônomo, dirigente e planejador da consciência com relação ao corpo; pelo contrário, é o seu fundamento ontológico (LUKÁCS, 2013, p.131).

O ponto central do processo de transformação interna do homem, baseia-se em chegar a um domínio sobre si mesmo. O objetivo está presente na consciência antes de ser realizado. A estrutura da dinâmica do trabalho se estende a cada movimento singular. O homem que trabalha planeja antecipadamente seus atos e seus movimentos e os controla para a realização do seu plano, continuamente e conscientemente, para ter o melhor resultado possível.

Lukács esclarece os modos concretos de manifestar-se e exprimir-se da consciência, seu modo concreto de ser de sua constituição. No momento em que deixa de ser epifenômeno da natureza, a consciência realiza alguns atos, entre eles o espelhamento da realidade. Esse é um papel fundamental que merece esclarecimento.

O espelhamento da realidade, afirma o autor, é condição para o fim e o meio do trabalho, onde se realiza uma dissociação precisa entre o homem e seu ambiente. A separação consciente entre um sujeito que figura os objetos e objetos que existem independentes do sujeito é um produto necessário do processo de trabalho e ao mesmo tempo a base para o modo de existência especificamente humano.

Lukács alega que o espelhamento tem uma natureza peculiar e contraditória. É o exato oposto de qualquer ser, precisamente porque é espelhamento e não é ser. Por outro lado, é ao mesmo tempo, o veículo por meio do qual surgem novas objetividades no ser social, para sua reprodução no mesmo nível ou em um nível mais alto. Desse modo, a consciência que espelha a realidade adquire um caráter de possibilidade.

No espelhamento da realidade a reprodução se destaca da realidade reproduzida, coagulando-se numa “realidade” própria na consciência. (...) na consciência ela é apenas reproduzida; nasce uma nova forma de objetividade, mas não uma realidade, e – exatamente em sentido ontológico – não é possível que a reprodução se assemelhe àquilo que ela reproduz e muito menos idêntica a isso. Pelo contrário, no plano ontológico o ser social se subdivide em dois momentos heterogêneos, que do ponto de vista do ser não só estão diante um do outro como heterogêneos, mas são até mesmo opostos: o ser e o seu espelhamento na consciência (LUKÁCS, 2013, p.66).

Ao produzir novas formas de objetividade, o homem reproduz as aptidões e funções humanas formadas historicamente. Só na sequência desse processo o homem

fica apto para exprimir a verdadeira natureza humana. O processo de objetivação tem como resultado que as reproduções não serão jamais cópias fotográficas idênticas e fiéis da realidade. Sempre serão determinadas pelos pores de fim, pela reprodução social da vida, pelo trabalho.

O domínio da consciência que põe finalidades sobre todo o restante do homem, sobretudo sobre o próprio corpo, e o comportamento crítico e distanciado da consciência humana sobre sua própria pessoa, podem ser encontrados ao longo de toda a história da humanidade, mesmo que com formas variadas e conteúdos sempre novos e diferentes.

A linguagem

Lukács (2013) afirma que além do trabalho, a linguagem é outra atividade social dos homens, condição específica e indispensável que faz nascer a consciência especificamente humana. Com a linguagem ocorreu o salto ontológico a uma nova forma de ser. O autor afirma que foi mérito de Engels a observação de que a linguagem surgiu como necessidade, pois os homens tinham algo para dizer uns aos outros.

Como um sistema de significação social, a linguagem medeia o espelhamento do mundo pelo homem, na medida em que o seu espelhamento do mundo se apoia na experiência da prática social e a integra. Nesse sentido, a linguagem carrega e fixa como patrimônio comum de uma sociedade, o conceito do objeto realizado pelo trabalho. Em tal inter-relação, os momentos singulares mantêm-se reciprocamente. Contudo, é importante esclarecer que a linguagem e o pensamento conceitual surgiram para as necessidades do trabalho e seu desenvolvimento exprime uma reiterada ação recíproca. Portanto, o trabalho é o momento predominante que reforça e intensifica essas interações.

É sem dúvida possível deduzir geneticamente a linguagem e o pensamento conceitual a partir do trabalho, uma vez que a execução do processo de trabalho põe ao sujeito exigências que só podem ser satisfeitas reestruturando ao mesmo tempo quanto à linguagem e ao pensamento conceitual as faculdades e possibilidades psicofísicas presentes até aquele momento, ao passo que a linguagem e o pensamento conceitual não podem ser entendidos nem em nível ontológico nem em si mesmos se não se pressupõe a existência de exigências nascidas do trabalho e nem muito menos como condições que fazem surgir o processo de trabalho (LUKÁCS, 2013, p. 85).

Lukács está sempre comparando o homem com o animal, demonstrando suas diferenças nas suas explicações. Desse modo, ao expor sobre a linguagem, afirma que a comunicação dos animais constitui componente orgânico do processo biológico de vida, com seu conteúdo ligado a situações concretamente determinadas pelos animais. Embora “se trate sempre de um ser vivo concreto que procura comunicar algo a respeito de um fenômeno concreto e ainda que tais comunicações, pelo seu vínculo indissolúvel com a situação, sejam, de modo geral, muito claras” (LUKÁCS, 2013, p. 127). No homem é diferente, pois o signo linguístico realiza uma reprodução que se separa do sujeito que o realiza e dos objetos designados por ele. Torna-se expressão intelectual de um grupo de fenômenos que podem ser aplicados de maneira análoga por sujeitos diferentes em contextos diferentes.

A linguagem conserva a continuidade do gênero humano na permanente mudança dos momentos subjetivos e objetivos da vida social. Para tal finalidade é necessário que estas mudanças sejam transpostas para a consciência, para a sua conservação e o seu desenvolvimento. Esses dois momentos confluem necessariamente no processo reprodutivo se integrando, ainda que de forma contraditória: a conservação pode produzir a tendência a fixar definitivamente as aquisições, e isto tem ocorrido frequentemente no curso da história.

O homem sempre fala “sobre” algo determinado, que ele extrai de sua existência imediata em um duplo sentido: primeiro, na medida em que isso é posto como objeto que existe de maneira independente; segundo – e aqui a distância aparece ainda mais intensamente, se isso é possível –, empenhando-se por precisar cada vez o objeto em questão como algo concreto; seus meios de expressão, as suas designações são de tal modo constituídos que cada signo pode figurar em contextos completamente diferentes (LUKÁCS, 2013, p. 127).

Como um instrumento social de contato entre os homens, a linguagem nasce ontologicamente de uma necessidade social, a partir da relação dos homens com a natureza e entre si, “para conferir validade àqueles pores teleológicos que têm como meta induzir outros homens a determinados pores teleológicos”. Exatamente nessa duplicidade de exigências contrapostas, e nessa contraditoriedade dialética, a linguagem deve e pode se realizar na prática (LUKÁCS, 2013, p. 219).

Ao mesmo tempo em que é social e portadora da relação viva entre os homens, a linguagem existe na atividade prática das pessoas e tem uma natureza intelectual e abstrata. Ela não se limita a transformar a consciência dinâmica e progressiva da vida social dos homens, também aceita todas as manifestações da vida humana, dando a elas

uma configuração capaz de comunicá-las. Esse sistema de significação propriamente humano tem a função de fixar as determinações gerais e de transformar o adquirido do passado em uma base para posterior desenvolvimento, para resolver novos problemas postos pela sociedade (LUKÁCS, 2013).

Bibliografia:

ENGELS, Friedrich. *Dialéctica da natureza*. 2ª ed. Lisboa: Presença, 1978.

LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social* – Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: LECH, 1979.

_____. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

STRENZEL, Giandréa Reuss. *As concepções de criança nas pesquisas sobre a formação do professor de Educação Infantil no Brasil e do Educador de Infância em Portugal: tendências teóricas e metodológicas 1997-2003*. Tese de doutorado. 2009.